

## ENTIDADES RELIGIOSAS NO CICLO DO OURO

\* Professor do  
Programa de Estudos  
Pós-Graduados PUCSP  
e UNIFAI.

Ênio José da Costa Brito\*

Recentemente, estudos sobre as irmandades têm alargado o seu horizonte de compreensão. Poder-se-ia citar as pesquisas de Célia Maia Borges, *Escravos e libertos nas irmandades do Rosário. Devoção e solidariedade em Minas Gerais. Séculos XVIII e XIX*; e de Antônia Aparecida Quintão, *Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência* (São Paulo:1870-1890) e *Lá vem o meu parente. As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco(século XVIII)*.<sup>1</sup> Sinal evidente que há, ainda, aspectos merecedores da atenção dos pesquisadores.

Nesta *Nota Bibliográfica*, não apresentaremos uma nova pesquisa, mas aquela que contribuiu para que o tema das Irmandades entrasse definitivamente na agenda acadêmica e abriu as sendas para futuras pesquisas. Trata-se do trabalho pioneiro de Fritz Teixeira de Salles.

A Editora Perspectiva, com o apoio financeiro da Caixa Econômica Federal, presenteou, no final de 2007, os estudiosos das irmandades com uma artística edição do clássico, *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro. Introdução ao Estudo do comportamento social das Irmandades de Minas no século XVIII*.<sup>2</sup> Acatou não só o desejo do próprio Salles que deixou preparado anotações para uma futura edição, como dos leitores. *Associações Religiosas* há muito esgotado só era encontrado em sebos, depois de muita busca e sorte.

A reedição do livro de Fritz Teixeira de Salles, um intelectual polivalente, preocupado sempre em mapear *as raízes da formação da consciência nacional brasileira*, conhecimento necessá-

<sup>1</sup> C. M. BORGES, *Escravos e libertos nas irmandades do Rosário: Devoção e solidariedade em Minas Gerais: Séculos XVII-XIX*. Juiz de Fora, UFJF, 2005; A. A. QUINTÃO, *Lá vem o meu parente: As irmandades de Pretos e Pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (Século XVIII)*. São Paulo, FAPESP-Annablume, 2002; A. A. QUINTÃO, *Irmandades negras: Outro espaço de luta e resistência* (São Paulo 1870-1890). São Paulo, FAPESP-Annablume, 2002.

<sup>2</sup> SALLES, F. T. de., *Associações religiosas no Ciclo do Ouro. Introdução ao estudo do comportamento social das irmandades em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo, Perspectiva, 2007.

rio para se pensar futuras mudanças estruturais do país, chega em boa hora. O livro capta não só o dinamismo específico dessas pias associações incidindo na organização da vida da nascente sociedade mineira, como as tensões e conflitos presentes no dia-a-dia e a apropriação delas pela Coroa e pela Igreja.

A segunda edição, precedida de uma nota do organizador, Ricardo Teixeira Salles, de uma apresentação de Rui Mourão e de dois breves ensaios de Caio Boschi e Cristina Ávila, deixa os leitores preparados para *ler nas entrelinhas* este texto pioneiro e atual. Uma densa introdução precede os cinco capítulos, a saber: Discriminação Racial, Categoria Social e Econômica das Irmandades, Assistência Social — Elo entre Irmandades afins de cidades diferentes, Batalhas e Conclusão.

## POLARIZAÇÃO SOCIAL

O estudo das irmandades das cidades de Ouro Preto, Mariana, Sabará e São João del'Rei, entre 1700 e 1820, revela muitas das raízes das formações sociais e das tensões vividas nesta região. Constituídas no momento de implantação das primeiras freguesias e paróquias, as irmandades galvanizavam os diversos grupos intermediários presentes na sociedade mineira.

Ao Estado interessava a criação e a proliferação dessas associações, pois transferia para elas responsabilidades sociais — como a de construir Igrejas para o culto — além de se constituírem em fontes de renda. Sua proliferação acompanhou o intenso processo social e miscegenador instaurado na sociedade mineira.

Para Salles, o exame cuidadoso dos compromissos oferece os elementos básicos para se detectar as características sociais das irmandades: um forte preconceito social que obriga os diversos grupos sociais a criarem suas irmandades próprias; o exercício de funções assistenciais e previdenciárias por parte das irmandades e o rígido controle estatutário das corporações.

Assim, a percepção das mutações de valores nas diversas irmandades possibilita constatar que *as irmandades obedeceram à estruturação ideológica da sociedade e, ao mesmo tempo, intensificaram aquela norma codificada na ação prática, tirando as vantagens possíveis dentro das circunstâncias coloniais.*<sup>3</sup>

Vivia-se, intensamente, na capitania das Minas, criada em 1720, no plano político, econômico e artístico. As irmandades e as ordens terceiras não estavam isentas dessa dinâmica.

Um fato desperta a atenção de Salles: em geral, os grupos sociais constituíam suas irmandades, dado confirmado à exaustão pela análise dos compromissos. Essa tendência se acentua,

<sup>3</sup> Cf. F. T. de SALLES, *Associações religiosas no Ciclo do Ouro*, op. cit., p. 85.

na segunda metade do século XVIII, período de fortes polarizações sociais.

A rivalidade entre as associações favoreceu a organicidade das lutas dos diferentes grupos; e uma acirrada disputa no campo arquitetônico, desvelando não só o comportamento como as opções estéticas dos grupos.

Os compromissos das ordens do Carmo e São Francisco, que tiveram seu apogeu na década de 1770, exigiam dos candidatos comprovação de sua *branquidade*. Pode-se ler no compromisso de São Francisco de Mariana: *Se eh branco legitimo, sem fama ou rumor de Judeu, Mouro ou mulato, Carijó ou outra infecta nação, e o mesmo se praticará com a molher sendo cazado.*<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Idem, p. 92.

Além das atividades assistenciais, tanto no campo espiritual, quanto material, as associações emprestavam dinheiro a juros e algumas possuíam escravos.

### A FUNÇÃO SÓCIO-RELIGIOSA E A CRISE SOCIAL

Criadas para disseminar a vida espiritual, as irmandades religiosas ampliaram suas ações para o campo assistencial, contribuindo fortemente com o processo formativo da sociedade mineira, sem abandonar seu escopo religioso. Assim, garantir o sufrágio e assegurar uma sepultura digna para seus membros se constituía numa das preocupações dominantes no âmbito religioso.

Com a crise aurífera, a partir da década de 1760-1770, elas se viram obrigadas a modificar seus estatutos, especialmente, no que diz respeito às anuidades e a intensificar suas atividades assistenciais. Várias irmandades, não mediram esforços para construir Casas de Misericórdia, como a Irmandade Santana de Mariana (1732), entre outras.

Disputas judiciárias, sempre presentes na vida das ordens terceiras, confrarias e irmandades, aumentaram consideravelmente a partir da década de 1730, atingindo o auge em 1780. Coincidindo com o arrocho da política tributária e com as mudanças que ocorriam na correlação das forças sociais.

Na segunda metade do século XVIII, os pardos-livres despontam como a nova força social. *O fato é que os pardos imprimiram às irmandades (Archiconfraria do Cordão, Mercês, S. José dos Bem-Casados etc.) uma característica sem dúvida reivindicatória. Em muitos aspectos, as associações de homens pardos foram precursoras do dinamismo social de épocas posteriores.*<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Idem, p. 157.

A crise social em Minas tem, na insensibilidade da Coroa, incapaz de captar o dinamismo presente na vida da capitania, um fator dinamizador. Fato que confirma a idéia da diuturna presença da violência na formação da sociedade brasileira.

No decorrer do século XVIII, a população das Minas cresceu vertiginosamente com predomínio de homens de cor. Estes agregavam-se em torno das irmandades, autêntico organismo de classe.

O espaço das irmandades possibilitou a absorção do catolicismo, a preservação de certos valores culturais africanos e impediu a manifestação de outros. Nas palavras do autor: *parece fora de dúvida que essas corporações sufocaram, no processo de aculturação, a contribuição dos negros, que tanto enriqueceu, por exemplo, as tradições baianas.*<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Idem, p. 168.

Na segunda metade do século XVIII, vive-se um momento de conflitividade; homens pardos deixam transparecer seus interesses e aspirações enquanto, os grupos de comerciantes assumem uma posição política de destaque na estrutura sócio-política. Rompe-se o esquema polarizador mercantilista, diversificam-se os códigos lingüístico, estético e religioso. Um forte espírito contestador se faz presente. A evolução do barroco mineiro, por exemplo, acompanha o processo de estruturação dos agrupamentos sociais no contexto minerador. A depressão econômica, no princípio do século XIX, contribuiu com a queda de prestígio das irmandades e ordens terceiras e dos grupos sociais locais.

## MÉRITOS

*Associações Religiosas no Ciclo do Ouro* acumula muitos méritos, além do pioneirismo no estudo dos compromissos das irmandades, desvela, gradualmente, a seus leitores a contribuição das ordens terceiras e confrarias para a vida intelectual e cultural da Província. Porém, o dado que surpreende é o de terem as irmandades contribuído, também, para o acirramento dos preconceitos raciais. Fato que Salles fundamenta com base nos compromissos e nas práticas das irmandades.

Ao acompanhar o nascimento, o desenvolvimento e o declínio das associações religiosas no ciclo do ouro, percebe-se, mais profundamente, os meandros da evolução social das Minas. Nas palavras do autor, *durante os séculos XVIII e XIX, as irmandades religiosas constituíram a forma orgânica funcional daquela estratificação social referida. Nasceram do processo formativo e, num movimento de retorno, ao mesmo processo, emprestaram ênfase singular e marcante.*<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Idem, p. 181.

Livro criativo e ainda atual que abriu um rico filão para pesquisas, dando um exemplo de como explorar meticulosamente as fontes. A marca da atualidade do texto, pode ser comprovada pela pauta da agenda cultural deste início de século: temas

como a questão racial, a questão da identidade e a questão da religiosidade estão de volta.

Cristina Ávila lembra, com muita propriedade, as palavras de Caio Boschi, que também esquadrinhou a vida das irmandades em Minas, *o principal mérito da pesquisa de Teixeira de Salles é o de ter chamado atenção para a relevância do tema [...] a par disso e de ter sido publicado a duas décadas, permanece como a melhor análise sobre o conjunto das comunidades leigas mineiras do século XVIII e como a fonte mais sugestiva para novas abordagens do tema.*<sup>8</sup>

<sup>8</sup> BOSCHI, C. C., *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo, Ática, 1986.